

VENERATIO VITAE E COSMOVISÃO INDÍGENA: COMPREENSÕES PARA UMA ARTE BIORRIZOMÁTICA

**VENERATIO VITAE Y COSMOVISIÓN INDÍGENA:
ENTENDIMIENTOS PARA UN ARTE BIORIZOMÁTICO**

**VENERATIO VITAE AND INDIGENOUS WORLDVIEW:
UNDERSTANDINGS FOR A BIORIZOMATIC ART**

Enviado: 29.06.22

Aceptado: 15.09.22

Alfredo Guillermo Martin

Psicólogo, analista institucional e professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Email: alguimargen2@gmail.com

Cláudio Tarouco de Azevedo

Professor dos Cursos de Artes Visuais do Instituto de Letras e Artes – ILA/FURG.

Email: claudiohifi@yahoo.com.br

VENERATIO VITAE E COSMOVISÃO INDÍGENA

Alfredo Guillermo Martin e Cláudio Tarouco de Azevedo



Este artigo está escrito a duas mãos que laboram desde uma formação em dois campos distintos, mas transversalizados: as artes visuais e a psicologia transcultural. Nossa perspectiva epistemológica está fundamentada na ecosofia de Félix Guattari (1992,1993, 2015), na ética de reverência pela vida de Albert Schweitzer (1962) e no renascer do pensamento cosmológico dos povos originários. Essa tríade nos ajuda na compreensão do que chamamos de arte biorrizomática, uma arte implicada, também, com a vida não-humana. Assim, nosso principal objetivo é refletir sobre vivências pessoais em que as cosmovisões indígenas, entre outras, contribuam para a produção de uma subjetividade capaz de reinventar nossas relações com não-humanes.

Palavras-chave: arte biorrizomática, cosmovisão indígena, veneratio vitae, ecosofia.

Este artículo está escrito por dos manos que trabajan desde su formación en dos campos diferenciados pero transversales: las artes visuales y la psicología transcultural. Nuestra perspectiva epistemológica se basa en la ecosofía de Félix Guattari (1992,1993, 2015), en la ética de la reverencia por la vida de Albert Schweitzer (1962) y en el renacimiento del pensamiento cosmológico de los pueblos originarios. Esta tríada nos ayuda a comprender lo que llamamos arte biorizomático, un arte también involucrado con la vida no humana. Así, nuestro principal objetivo es reflexionar sobre vivencias personales en las que las cosmovisiones indígenas, entre otras, contribuyen a la producción de una subjetividad capaz de reinventar nuestras relaciones con lo no humano.

Palabras clave: arte biorizomático, cosmovisión indígena, veneratio vitae, ecosofía.

This article is written by two hands that work on their two distinct but transversal fields: the visual arts and transcultural psychology. Our epistemological perspective is based on the Félix Guattari's ecosophy (1992, 1993, 2015), on Albert Schweitzer's ethics of reverence for the life (1962) and on the rebirth of cosmological thought of the original peoples. This triad helps us to understand what we call biorizomatic art, an art which is also involved with non-human life. Thus, our main objective is to reflect on personal experiences in which indigenous cosmovisions, among others, contribute to the production of a subjectivity capable of reinventing our relationships with the non-human.

Keywords: biorizomatic art; indigenous cosmovision; veneratio vitae, ecosophy.

Desarrollo Nossa problemática nos movimenta no sentido de suscitar experiências de potencialização das produções artísticas que reverenciem a vida, para avançar a partir de experiências singulares envolvendo os povos originários e o que podemos chamar de arte biorrizomática, uma arte implicada, também, com a vida não humana.

Nosso principal objetivo é refletir sobre vivências pessoais nas quais as cosmovisões indígenas, entre outras, contribuam para a produção de uma subjetividade capaz de reinventar as relações com o não humano e de promover a transversalização de perspectivas.

Nosso ângulo ecosófico encontra ancoragem em alguns conceitos de Félix Guattari (1993), na obra de Albert Schweitzer (1962) e no renascer do pensamento dos povos originários expressado, entre outros, por Ailton Krenak.

Ao comentar sobre a grande aldeia montada para acolher diversas tribos indígenas durante o Festival de Dança e Cultura Indígena, na Serra do Cipó (Minas Gerais), Krenak relata que:

[...] a água, o fogo, o vento e a terra se fundem com o nosso corpo, com a nossa energia, com o nosso suor, com os nossos cantos, fazendo a nossa religião com a mãe terra. Fazendo a cura da terra e a cura dos filhos da terra. (2000, p. 18-19)

Nessa perspectiva indígena podemos perceber outros entendimentos sobre saúde e conexão com as forças cósmicas. Uma transcendência em relação aos entraves cartesianos, ao sistema de saúde, ao sistema das artes e etc. Um rizoma infinito e não os usuais conjuntos aglomerados de sistemas instituídos. Nesse sentido, vamos em direção a uma abordagem em que as fronteiras entre arte e vida se entrecruzam. Uma arte que seja constituída de vitalidade no rizoma da vida, uma arte biorrizomática.

Estamos pensando as artes mais como processos criativos que se multiplicam tanto nos criadores quanto nos espect-atores¹ e que não ficam reduzidas somente ao

¹ No sentido dado por Augusto Boal nas artes do Teatro do Oprimido. Ver A estética do oprimido / Augusto Boal. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

objeto criado. O objeto final é mais um componente do processo da experiência criativa em que a autopoiesis² dimensiona o sentido produtivo da vida tanto do seu criador quanto dos demais viventes; na contramão do Capitalismo Mundial Integrado (CMI), analisado por Guattari (1993), a invenção de um sentido artístico-vital não-mercantilizado e não-mercantilizável, que pode suscitar-fazer-devires revolucionários a partir de outros seres-devires com quem se conecta.

Para isso, tentamos questionar as hierarquias dos saberes, desordenar o antropocentrismo característico das relações humanas com as demais espécies. Nesse contexto, Guattari afirma que:

a prática artística tem ao mesmo tempo um impacto no domínio do sensível, no campo dos perceptos e dos afetos, e um contato direto com a produção de universos de valores, de universos de referência e de focos de subjetivização (2015, p. 117, tradução nossa).

Há outra dimensão que poderia ser chamada de transnomádica: a forma com a qual o artista faz frente e assume seus focos de significância, não passa pelo conceito, senão por um material que desenvolve uma potência de transversalidade. O material é portador de funções páticas. Quer dizer que, desde o momento em que tenhas feito essa transmutação de si próprio por essa obra, então essa obra é capaz de transmitir, de produzir o mesmo tipo de mutação subjetiva naquele que se confronta com ela (2015, p.126, tradução nossa).

Tal assertiva reitera a necessidade de que a arte produza universos de valores capazes de impulsionar essa subjetivação da sensibilidade em consonância, também, com a vida de animais não humanes.

Nesta perspectiva guattariana, os devires baremblitteanos³ nos ajudam a propor uma ecopráxis, ou seja:

² Cf. Humberto Maturana. De Máquina e Seres Vivos Autopoiese a Organização do Vivo. São Paulo: Artmed, 2002.

³ Em referências aos trabalhos de Gregório Barenblitt citados.

a práxis deverá ser expurgada de suas reminiscências científicas, vanguardistas, partidárias e exclusivamente proletárias, assim como a relação com a natureza não deverá ser considerada de domínio pela cultura, senão de harmônica simbiose (BAREMBLITT, 1997, p. 22).

Qual pode ser o lugar das ecopráxis das artes? Nenhum dos contextos instituídos se aproxima do que estamos pensando, menos ainda as técnicas utilizadas, as modas comerciais ou as cotas nos mercados de venda. Estaria esse lugar nas galerias, nos museus, nas escolas, no meio das ruas, nas florestas?

Pensamos o não-lugar das artes, como o U-topos, como esse não-lugar utópico que na agricultura tradicional chamava-se de pousio, de alqueive, esse lugar de não-plantio, esse lugar dedicado a respeitar a Terra, o seu tempo de germinação, de reconstituição da sua potência germinativa, de recuperação vital... O mesmo termo que no antigo francês-occitan é conhecido como talvera, e em espanhol como barbecho.

Eis um não-lugar para o plantio atual, mas sim para o futuro, um espaço potencial, vazio, na borda do campo e que permite também o diálogo com o vizinho, a entrada, a saída das ferramentas e das pessoas, movimentos na periferia do campo “útil”, que impede a saturação mortífera da terra. Pode ser também um terço do espaço total que fica em reserva rotativa, o “espaço do sonho da terra”, da preservação de sua criatividade, que nos permite impedir a monocultura suicidária da agroquímica deflorestadora e da manipulação transgenética, e aqui cabe mencionar o que chamam de arte transgênica.

A arte como nós a pensamos-vivemos é um não-lugar, um U-topos produtor de infinitos rizomas aquém-além das artes instituídas, inventor de microintervencões instituintes, como aquela que Ailton Krenak deflagrou no Congresso Nacional em 1988 para fazer incluir os Direitos dos Povos Originários na Constituição Nacional brasileira, todo vestido de branco e pintando sua cara de urucum preto enquanto falava aos deputados surpresos. Trata-se de toda uma arte estético-política originadora de tantas lutas desde as profundezas da Pacha Mama.

Para Guattari:

O novo paradigma estético tem implicações ético-políticas porque quem fala em criação, fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada, em inflexão de estado de coisas, em bifurcação para além de esquemas pré-estabelecidos e aqui, mais uma vez, em consideração do destino da alteridade em suas modalidades extremas (1992, p. 137).

Por isso, qualquer gesto criador vem acompanhado de uma escolha que funda uma tomada de consciência crítica e sensível sobre a realidade concreta, sobre os modos de viver e se relacionar com a vida em suas múltiplas formas de manifestação. Assim, o bem-viver propõe que a Pacha Mama tenha seu lugar de respeito como um ente vivo e de direitos. Há muito tempo que a Terra nos nutre sem que o nosso legado humane consiga retribuir o cuidado necessário para manter a sua qualidade de vida. Necessitamos desse tipo de reciprocidade. Só assim será possível abrir grandes espaços de liberdades e de justiça socioambiental.

As cosmovisões indígenas⁴ são perspectivas que nos ofereceram, e continuam a oferecer, uma ecopraxis capaz de reverenciar a vida manifestada nos não humanes, nos minerais, vegetais, etc. Essa maneira de vida é guiada e atravessada por uma manifestação perene de todos os seres animados e que considera a energia como constante, intercambiável e fluente. Implica, portanto, uma negação ao imperialismo ontológico humane, deslocando a natureza de seu posicionamento secundário e ao serviço dos humanes para integrá-los como mais uma força na torrente da vida.

É a partir dessas dimensões ético-políticas que integram humanes e não humanes, que se constitui o que chamamos, aqui, de uma arte biorrizomática.

Ao criticar o consumismo e o produtivismo capitalista, Alberto Acosta reafirma a necessidade de comungar com as cosmovisões indígenas para a promoção de um bem viver,

⁴ Ver na bibliografia os aportes de Milla Millena, Barbara Glowczewski, Darci Emiliano, Viveiros de Castro, Ailton Krenak, etc.

(...) em que os seres humanos não apenas convivem com a Natureza de maneira harmoniosa, mas formam parte dela e, em última instância, são Natureza. (ACOSTA, 2016, p. 95)

A experiência da reciprocidade é um caminho efetivo para adentrar realidades impensadas até o momento e que, como a poesia, não só ritma a ação, mas se adianta à ela, como queriam Arthur Rimbaud e René Char, irmãos deleuzianos que, assim como outros baremblyteanos, antecipam devires para tentarem ser dignos deles e ajudar os partos de uma nova humanidade, essa que inclui cada animal, cada vegetal, cada mineral, cada célula viva.

Assim, na cosmovisão originária dos Andes, nas etnias quíchuas e aymaras, existe uma expressão ancestral que Milla Millena (2002) resume bem: AYNI (em quíchua), os processos de mutualizar, de reciprocitar, de retornar, de dar antes de receber, uma prática ancestral cósmica que inclui a terra e os plantios, os animais não humanos e os humanos.

Viveiros de Castro, na sua obra *Metafísicas Canibais*, retomando as Mitológicas de Lévi-Strauss sobre o problema da passagem da natureza para a cultura, afirma que:

Essa passagem não é um processo de diferenciação do humano a partir do animal, como se diz na vulgata evolucionista ocidental. A condição comum aos homens e aos animais não é a animalidade, mas sim a humanidade... Os não-humanos são antigos humanos e não os humanos antigos não humanos... os animais e outros existentes cósmicos, tendo sido antigamente humanos, continuam sendo-o mesmo se o são de uma maneira não evidente para nós (2009, p.35. Tradução nossa, grifos do autor).

Glowczewski, retomando os aportes de Guattari, dentre outros, propõe:

Os cultos afro-brasileiros, da mesma forma que os australianos, são “animistas”, se redefinimos o “animismo” como uma produção

individual e coletiva da subjetividade que literalmente processa uma memória e uma história traumática num modo de político de subjetivação que tenta mudar não o passado, mas a possibilidade de um futuro diferente (2015, p. 39).

E Ingold, citado por Glowczewski, reforça:

Esses povos estão unidos não em suas crenças, mas por meio de um modo de ser que está vivo e aberto a um mundo em nascimento contínuo. Nesta ontologia anímica, os seres não se manifestam em um mundo já-feito, mas sim emanam através de um mundo-em-formação, ao longo das linhas de seus relacionamentos. Para seus habitantes, esse mundo ligado aos elementos da atmosfera, que abrange tanto o céu quanto a terra, é uma fonte de portento, mas não de surpresa. Reanimar a tradição “ocidental” de pensamento significa recuperar o sentido de portento banido da ciência oficial (op.cit. p.30).

Podemos aprender a resistir também com aquelas árvores de Hiroshima, que resistiram à bomba atômica; sim, aquelas Hibaku Jumoku, aquelas 75 árvores sobreviventes de mais de 32 espécies que, seguindo a firmeza vital daquele velho milenário de Gingko Biloba, conseguiram reviver depois de 8 meses e se desenvolvem até agora, mesmo tendo sido submetidas àquela explosão genocida a um quilômetro de distância... Eis a monumental fortaleza natural Gingko Biloba:



Figura 1: Árvore Ginkgo Biloba. Foto de Istvan. ©Istvan - [stock.adobe.com](https://www.stock.adobe.com)

Podemos aprender a resistir também com os pássaros que reconstruíram seus ninhos nessas Hibakus Jumoku, aprendendo com essas águias e condores milenares que são a salvaguarda dos povos originários dos Andes, cantados e contados em infinitas músicas, pinturas, danças e filosofias. Devires pássaros, vegetais, águas, aquarelas, vida!



Figura 2: de vir vegetal.. água.. ar., 2013. Aquarela de Alfredo Martin

Aprendendo com esses sábios indígenas, esses pajés, kujás quase analfabetos e que, mesmo sem saber escrever seus próprios nomes, sabem, sim, falar e escutar os pássaros, se comunicar com os pajés e kujás próprios de cada espécie, sabem, desde sempre, numa existência animada pelos animismos, compreender os rios e as tormentas, os céus e as terras, as florações e os frutos, as vidas, as doenças, as mortes, as curas...

Lembrando da minha experiência, daquele encontro com d. Jorge Garcia, velho kujá kaingang da aldeia de Iraí, no Rio Grande do Sul (Brasil), indo noite adentro depois das cerimônias da acolhida, das danças e bênçãos do primeiro mestre em educação ambiental da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, da sua participação na banca como a primeira Pessoa de Notório Saber nessa universidade. De madrugada, então, pergunto à d. Jorge:

Eu sou psicólogo, e nós aprendemos algumas coisas para compreender e curar as pessoas com doenças mentais. Mas, você como curador indígena, faz diferente. Como é que você faz?

Seus olhinhos brilhantes, seu permanente olhar de criança, adiantaram suas respostas:

Eu falo com as árvores, com os pássaros, com as onças. Depois vou sonhar. Ali recebo as respostas do meu Jangré, meu animal-guia, e faço o que meu Jangré me orienta.

Nós, pobres coitados brancos antropocêntricos e cartesianos podemos falar aos animais, às árvores. Podemos sonhar, mas não sabemos (ainda) falar com os animais, com as árvores, dialogar com eles, escutá-los, aprender com eles, agir com eles.

Sim, é assim que os Kujás kaingangs fazem. Eles aprendem, desde cedo, a comunicação interespecífica entre os animais humanes e não humanes, como encontrar o seu Jangré, o seu outro-complementar, cuidador-curador-dono-guia-mestre-espírito protetor, que são descobertos pelos humanes através dos sonhos e das iniciações no meio da floresta.

Cada espécie animal tem o seu próprio Kujà. Não é qualquer animal que pode ser Kujá, qualquer onça ou tigre (como no caso do Kujà d.Jorge, evocado acima), mas só aquele tigre ou onça (ou outros animais) que tenha as características de potência de ser, de agir, de ter o espírito “divino”, do Tãn ou Tónh, o princípio energético cosmológico constitutivo de toda a vida.

Assim, nessa cosmovisão, o espírito divino está, segundo Emiliano, primeiro indígena Kaigang Mestre e Doutor em Educação Ambiental da FURG, (2015, p. 76), assim manifestado:

- Kanhâ Tónh = espírito do Céu
- Râ Tónh = espírito do Sol
- Kysã Tónh - espírito da Lua
- Krin Tónh = espírito das Estrelas
- Gój Tónh = espírito da Água
- Gá Tónh = espírito da Terra
- Nén Tónh = espírito das matas

Já não adianta mais negar que os animais comunicam entre si uma série de dados complexos, como demonstraram os trabalhos pioneiros de Karl Von Frisch (1955) sobre as abelhas e sua maneira de transmitir exatamente, através das danças octogonais e da direção dos eixos em referência ao lugar do sol, as coordenadas das flores prontas para retirar o pólen.

Já não adianta mais negar os cantos das baleias e dos golfinhos, mensagens aquático-sonoros perfeitamente audíveis e decodificáveis. Nem os cantos dos pássaros migratórios, que viajam milhares de quilômetros para aninhar. Somente nós, pobres humanes, penamos tanto para passarinhar.



Título: Liberdade, 2015. Arte digital: Cláudio Azevedo

Na obra *Liberdade* (2015), visualizamos uma brecha. Assim como existem distintas linguagens, múltiplos dialetos humanes, existe também a linguagem sonora e corporal de diversas espécies vivas. São outros códigos que instauram mundos possíveis na realidade concreta. A brecha, criada com a manipulação digital da imagem espelhada em si, cria um espaço de liberdade em que as cabras caminham sobre as dunas de areia e desafiam a ação da gravidade. Essa migração de animais alude a outros tipos de migrações.

O que essa andarilhagem pelos territórios nos revela? A fuga do cárcere, a descoberta de novos contextos, o desafiar a morte, a luta por melhores condições de vida? O que mobiliza a andança dos seres? E o que fazemos quando nos encontramos em estado de encarceramento? Um outro trabalho artístico, o vídeo experimental *Devir-animal*, publicado como ensaio visual nesta Revista (AZEVEDO, 2021), apresenta a perspectiva de um ser em desespero, tentando se desvencilhar da gaiola

em que está preso, física, metafórica e ontologicamente, numa cosmovisão antropocêntrica.

Esses exemplos de manifestação criativa procuram, biorrizomaticamente, inverter a lógica da clausura, que impõe ao ser humano, em decorrência de sua desconexão patológica da natureza, uma limitação, a impossibilidade ou proibição de migrar de qualquer lugar em que se sinta confinado. Uma angústia contida pelas barras de ferro, intransbordável.

Um “objeto” (quadro, sonata, ballet, estátua, filme, fotografia, desenho, instalação, performance, novela) seria “artístico” por suscitar, potencializar, sacudir a poeira interior, impulsionar os devires subjetivos e coletivos, nos obrigar a ver-pensar-sentir-atoar sem permitir que continuemos a ser o que éramos antes. Como diz Albert Camus em *L’homme révolté*:

A arte é uma exigência de moldagem impossível. Quando o grito mais desgarrador encontra sua linguagem mais firme, a revolta satisfaz sua verdadeira exigência e retira desta mesma fidelidade uma força de criação. Mesmo que isso se confronte com os preconceitos do seu tempo, o maior estilo na arte é a expressão da mais alta revolta (1951, p.338. tradução nossa).

Quando esse objeto vai além de si como objeto e se torna sujeito-processual e também nos torna sujeitos a nós mesmos, nos des-sujeita das convenções espaço-temporais, nos des-cronologiza, nos aioniza, nos transversaliza, nos reinventa, nos renasce. Sim, em outra dimensão da temporalidade diferente da cronológica habitual, fora do calendário e do horário, existe a dimensão do Aión, aquela apresentada por Deleuze, que vive nos acontecimentos irrepetíveis, criadores do novo absoluto.

Em outras experiências com povos originários, lembramos algumas visitas que fizemos ao último xamã charrua, Alberto Zapican, no Uruguai. Tínhamos a intenção de gravar uma entrevista que acabou rendendo dois materiais audiovisuais

distintos.⁵ A morada de Zapican, construída no interior do Uruguai por suas próprias mãos, com detalhes artísticos, cores alegres e cheias de adornos significativos para o seu povo, foi o palco dessas entrevistas.

Em meio a realização do vídeo, pedimos que ele nos falasse um pouco sobre a relação arte/vida, pois, de alguma maneira, a minha formação em Artes Visuais e Educação Ambiental possibilita um olhar transversalizado por esses dois campos.

Zapican reflete... Talvez haja certo estranhamento, pois percebo minha necessidade de aproximar duas dimensões existenciais que, para os povos originários, nunca se manifestam separadamente:

Arte e vida... arte e vida... viver é uma arte. Eu creio que seja viver e saber viver... tratar de viver bem, creio que seja a melhor das artes porque te satisfaz musicalmente a natureza, poeticamente porque te sugere centenas de ritmos com palavras, pictoricamente porque tem centenas de cores, ou seja, viver com a vida é a melhor arte de todas (tradução nossa da fala em espanhol de Zapican).

Nicolas Bourriaud (2009) discorre, com base na ecosofia de Guattari (1993), sobre uma arte relacional definida como um “conjunto de práticas artísticas que tomam como ponto de partida teórico e prático o grupo das relações humanas e seu contexto social, em vez de um espaço autônomo e privativo” (2009, p. 151). Tomar esse ponto de partida pressupõe uma aproximação com o que nos faz observar Zapican:

Agora... a arte quando o humane cria, ou trata de criar algo, e dar uma atividade ao intelecto, está bem... o problema é que a cultura ocidental te dá valores, então te dá lugares de ser inteligente ou melhor que outros... essas coisas adoecem o ser humane e deixam, inclusive, de viver bem (tradução nossa da fala de Zapican em espanhol).

Essa percepção de mundo resiste há séculos às investidas colonizadoras. Nos convocam à ecopraxis de um U-topos onde haja espaço para um pousio, para o

⁵ Ver as entrevistas completas com Alberto Zapican em <https://www.youtube.com/watch?v=7poTUKWNYqc> (parte 1); https://www.youtube.com/watch?v=DG_UNDtEUSI&t=2s (parte 2).

exercício de valores que priorizem a qualidade de vida planetária, por valores mais solidários e menos competitivos, em que se promova mais saúde e reciprocidade entre humanas e não humanas.

Existem práticas solidárias entre os animais? Jean Marie Pelt, Professor de biologia na Universidade de Metz (França), presidente-fundador do Instituto Europeu de Ecologia, faz uma longa demonstração, partindo da vida celular e passando por toda a cadeia vegetal, animal e humana, para nos alertar a respeito do “darwinismo social”, que está à deriva do darwinismo original, e nos esclarecer sobre a importância da solidariedade intra e interespecífica:

(...) em todos os ecossistemas — incluída a sociedade humana — as solidariedades aparecem de fato como o verdadeiro motor da vida (...) no plano da proteção, da alimentação e da educação dos mais pequenos, os pássaros se singularizam oferecendo-se mutuamente ajuda (...) estes fenômenos de altruísmo representam uma vantagem para aqueles que os exercem porque eles não trabalham para eles próprios e não tiram nenhuma vantagem de esse comportamento altruísta (...) se considera não só o interesse do indivíduo, mas aquele da espécie (...) os ninhos coletivos manifestam uma outra forma de cooperação muito apreciada, essa nidificação aproxima espécies diferentes (2004, p. 86,87, tradução nossa).

Não só os pássaros mas também outros animais, segundo Pelt, praticam estas solidariedades interespecíficas: chimpanzés, raposas, elefantes, rinocerontes, baleias, delfins, etc. MacMillan, um ornitólogo estadunidense do século XIX citado por Pelt, escreveu sobre os condores:

...temos que salvar os condores, não somente porque nós precisamos deles, mas sobretudo porque precisamos desenvolver as qualidades humanas necessárias para salvá-los; isso porque são essas qualidades que vamos precisar para salvar-nos a nós mesmos... (MACMILLAN APUD PELT, p. 109, tradução nossa)

Um outro naturalista, geógrafo e geólogo de renome internacional, Kropotkin, já tinha desenvolvido não só profundas críticas às visões deformadas por alguns

darwinianos da “luta pela existência”, mas colocou em relevo a importância fulcral da ajuda recíproca através de uma longa pesquisa de campo nessas áreas, desde as ajudas mútuas entre mariposas e libélulas, formigas e pássaros, até as primeiras comunidades humanas, incluídas aquelas erroneamente chamadas de “selvagens”.

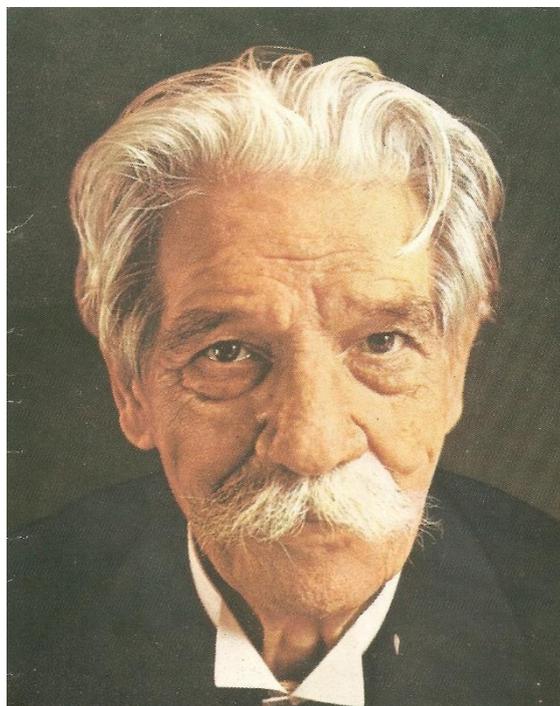
Com efeito, Kropotkin faz uma profunda e longa explanação indo desde as primitivas comunidades humanas - passando pelos clãs indígenas, as tribos de vários continentes, as guildas medievais - até as sociedades ditas “modernas”, através do fio condutor elementar: a prática da ajuda mútua como motor fundamental, não só da vida comum, da sobrevivência humana e ambiental, mas também:

Na prática de ajuda mútua, cujas pegadas podemos seguir até os mais antigos rudimentos da evolução, nós encontramos, de tal forma, a origem positiva e indubitável de nossas concepções morais, éticas, e podemos afirmar que o principal papel na evolução ética da humanidade foi desempenhado pela ajuda mútua e não pela luta mútua (KROPOTKIN, 1989, p. 287, tradução nossa)

Eis o papel que Kropotkin deu às artes nesta perspectiva:

a prática da ajuda mútua e seu desenvolvimento subsequente criaram as condições mesmas da vida social, sem as quais o homem jamais teria podido desenvolver seus ofícios e artes, sua ciência, sua inteligência, seu espírito criador...os períodos nos quais ela [a ajuda mútua] alcançaram elevado desenvolvimento, sempre foram aqueles do mais grande progresso no campo das artes... (1989, p. 284, tradução nossa)

Como produzir uma arte nessa direção, desterritorializando o pensamento colonizador/capitalista que impregna as artes instituídas? Uma dimensão epistemológica sobre a ética busca rever essa tradição desde uma perspectiva auto-descolonizadora. A Ética de reverência pela vida de Albert Schweitzer (1962) nos serve como vetor de força para impulsionar processos de criação artística. Assim, a ética de Schweitzer nos auxilia na construção de relações solidárias e de cuidado para com a vida da espécie humana e das não humanas.



L'éthique, c'est la reconnaissance
de notre responsabilité envers tout ce qui vit.

Albert Schweitzer

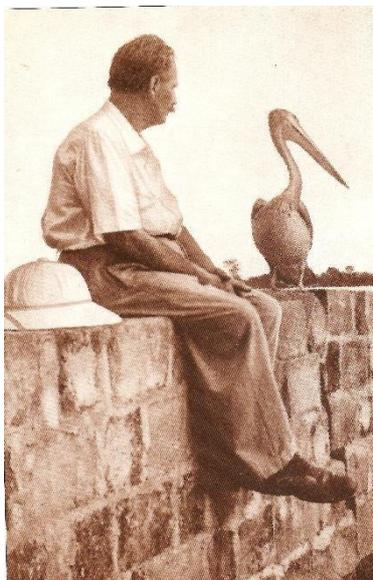
**“A ética é o reconhecimento de nossa responsabilidade
ao respeito de todo o que vive”**

[Foto: Cartão Postal Ed. La Nuée Blanche, Strasbourg, 1989]

Não se trata de produzir a vida artisticamente para estimular a competitividade, mas de conjugar a arte capaz de estar preta de valores solidários que reverenciam a vida, inclusive dos não humanos. Schweitzer afirma que “a reverência pela vida, veneratio vitae,⁶ é o triunfo mais direto e, ao mesmo tempo, o mais profundo da minha vontade de viver (1962, p. 21-22).

⁶ *Veneratio vitae*, do latim, que significa “reverência pela vida”.

Isto não é um zoológico: antílopes, macacos, pelicanos, javalis, chimpanzés, cachorros, tigre, leão, gorila, crocodilo, patos, gansos, cabras, porcos vermelhos, papagaios, cabras, cachorros, ratos domesticados, gatos siameses (e também outros). Isso não é uma invasão selvagem. Ao contrário, é parte da fauna que anima o cotidiano do hospital de Lambarene, no meio da floresta, na beira do rio Ogowe, no Gabão (antiga África Equatorial francesa). Eis a vida mesma da floresta que acompanha a vida dos pacientes e famílias nesse hospital fundado pela primeira vez em 1913, e do seu diretor e fundador, o Dr. Albert Schweitzer. Ele trabalhava acompanhado por Percival, seu pelicano de estimação, assim como Elizabeth, sua cabra preta, “Caramba”, o cachorro cor do ébano e Kukedu, o seu papagaio cinzento.



Schweitzer e Percival

[Foto Ed. La Nuée Blanche, Strasbourg, 1989]

Sim, animais num hospital, à beira da mesa de trabalho de um médico-filósofo, militante e Prêmio Nobel da Paz, e isso faz parte da vida dos pacientes, junto com suas famílias e seus hortos dentro do hospital. Um hospital-aldeia que respeita os usos tradicionais da cultura do lugar. E não são só os seus animais de estimação: “Os insetos

têm que ser jogados fora, não matá-los” dizia ele numa sala de cirurgia. E, ao caminhar, tomava cuidado para não pisar em formigas.

Os animais humanes só são superiores aos outros animais não humanes numa coisa: sua capacidade de autodestruição. “[...] de todas as mordeduras de animais, a do homem é a mais perigosa” (A. Schweitzer, In.: VILARÓ, 1996, p. 87). Assim, a cosmovisão schweitzeriana e a indígena das relações com a vida animal estão colocadas em uma perspectiva vital na contramão dos paradigmas “científicos” ocidentais tradicionais.

Da mesma maneira, o tipo de arte que enunciamos aqui é aquela que reverencia a vida em sua expressão existencial complexa, desde a beleza de sua manifestação vital até a urgência de uma nova atitude contrária a uma subjugação antropocêntrica. Essa arte, portanto, pode ser praticada, experimentada desde uma epistemologia biorrizomática que tenha a ética do veneratio vitae e a cosmovisão indígena como fundamentos para a produção artística. A arte biorrizomática emerge da tese — de caráter descentralizador — em Educação Ambiental quando sugere:

[...] a partir do rizoma, [uma proposta] de descentralizar a vida, como precisamos descentralizar o homem do seu antropocentrismo. Enunciamos uma Educação Ambiental biodescentralizadora, a que está conectada com a visão abolicionista e antiespecista. Um romper de grades, uma diluição da vida em plena atmosfera. Essa descentralização da vida deseja a cultura do cuidado nos fluxos desse rizoma, uma biorrizomatização (AZEVEDO, 2013, p. 95).

O conceito de biorrizoma foi sendo forjado do ponto de vista de uma ecopraxis, como já vimos segundo Baremlitt. Quando ele menciona a harmonia simbiótica necessária entre cultura-natureza, podemos identificar que nós, humanes, somos natureza; bem como os animais não humanes também são natureza e devêm suas próprias humanidades e nos habitam também.

Este “animismo” é reivindicado por vários antropólogos, filósofos e esquizoanalistas contemporâneos. Assim, Barbara Glowczewski, no seu Devires

Totêmicos – Cosmopolítica do sonho, retomando os trabalhos de Guattari e suas articulações com seus próprios trabalhos de campo junto aos indígenas australianos e brasileiros, pondera:

Guattari usava o termo animismo para se referir não só às experiências xamânicas, como também a qualquer outra que envolvesse estados “alterados” de consciência de vários povos indígenas – na Amazônia (...) bem como na Austrália (...) – mas também em relação a todos os seres humanos que experimentam um processo de “devenir outro” (...) um devenir animal, vegetal ou maquínico (...) a subjetividade animista como uma forma potencial de redefinição da subjetividade contemporânea (...) polissêmica, transindividual... Que também caracteriza o mundo da infância, das psicoses. Da paixão amorosa ou política, bem como da criação artística”. (2015, p.35)

Ilustrando as ferramentas que ancoram as perspectivas ontológicas dos povos aborígenes australianos, Glowczewski aponta:

Uma dessas ferramentas é inspirada, como em muitas sociedades do Oceano Pacífico, nos seus conhecimentos e manejo do inhame e seus rizomas (2015, p. 33).

O líder indígena e escritor Ailton Krenak questiona

[...] onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (2019, p. 17).

Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem (2019, p. 69).

Essa cosmovisão indígena nos ajuda a pensar criticamente sobre o Antropoceno e o quanto a urgência planetária necessita de uma refundação das práticas em reverência pela vida. Assim, Ailton Krenak nos alerta:

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluimos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver — pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres. Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra (KRENAK, 2019, p. 23-24).

Portanto, promover uma experiência artística biorrizomática, movimentar vetores de forças não só criativas, mas engajadas com as causas dos animais não humanes, da vida dos minerais, vegetais em integralidade com a humanidade que nos transversaliza suscitar isso é devir natureza, é se demover do lado destruidor para o do cuidado da vida.

Bibliografía

- Arán, P. ACOSTA, Alberto. (2016) *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante.
- AZEVEDO, Cláudio Tarouco de. *Devir-Animal: o audiovisual na fronteira de uma alteridade subjetiva*. *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*, 2, 2021. Disponível em: <https://revistaleca.org/index.php/leca/article/view/61/58>. Acesso em 21/09/2022.
- AZEVEDO, Cláudio Tarouco de. *Por uma Educação Ambiental Biorrizomática: cartografando devires e clinamens através de processos de criação e poéticas audiovisuais*. Tese de doutorado em Educação Ambiental. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA-FURG). Área de concentração: Educação. Rio Grande, RS: FURG/PPGEA, 2013. 350 p.
- BAREMBLITT, Gregório. *Ecopraxis – discurso inaugural do Congresso “A cidade vivente”*. In: *A CIDADE VIVENTE: subjetividade, socialidade e meio ambiente na cidade contemporânea*. Anais... Belo Horizonte: Movimento Instituinte de Belo Horizonte; Engendra; Instituto Félix Guattari, 1997. Cap. 2, p. 13-22.
- BAREMBLITT, Gregório. *Introdução à Esquizoanálise*. Belo Horizonte: Ed. Fundação Gregório Barenblitt, 3ª ed. 2010.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CAMUS, A. *L’homme révolté*. Paris: Gallimard, 1951.
- COUSINS, Norma. *El Doctor Albert Schweitzer de Lambarene*. Buenos Aires: Ed. Selectas, 1961.
- EMILIANO, D. *Revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro*. Dissertação de Mestrado, Rio Grande: PPGEA - FURG, 2015.
- GLOWCZEWSKI, B. *Devires totêmicos - Cosmopolíticas do sonho*. São Paulo: Ed. N-1, 2015.

- GUATTARI, F. *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1993.
- _____. *¿Qué es la ecosofía? Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud*. Buenos Aires/Argentina: Ed. Cactus, 2015.
- JEAN CHRISTIAN, Albert Schweitzer, *Strasbourg*: Ed. La Nuée Bleue, 1989.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KROPOTKIN, P. *El apoyo mutuo*. Cali, Colombia: Ed. Madre Tierra, 1989.
- MARTIN, Alfredo. EMILIANO D. CRESPO, A. Estares originários xhosa, devires ancestrais kaingang, saberes ambientais das treze avós (e de alguns brancos...). *UNEB, Pontos de interrogação: revista de crítica cultural*, IV, pp.99-110, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.30620/p.i.v4i2.1684>.
- MILLA MILLENA, Carlos. AYNÍ. *Introducción a la Paleo Semiótica*. Lima: Assoc. Cultural Amaru Wayra - UNIK Kawsay, 2010.
- PELT, Jean M. *La solidarité chez les plantes, les animaux, les humains*. Paris: Fayard ed., 2004.
- SCHWEITZER, Albert. *Filosofia de La civilización II: civilización y ética*. Buenos Aires: Editorial SUR, 1962.
- _____. *Entre a água e a selva*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, s/d.
- SEAVER, George. *Albert Schweitzer, el hombre y su obra*. Compañía general Buenos Aires: Fabril Editora, 1964.
- VILARÓ, Carlos Páez. *Albert Schweitzer en el reino de los Galoas*. Montevideo: Artes gráficas integradas SRL, 1996.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *Métaphysiques cannibales Lignes d'Anthropologie post-structurale*. Paris: ed. PUF, 2009. Trad brasileira: *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: UBU ed.. 2018.
- VON FRISCH, K. *The Dance Language and Orientation of Bees*. New York, Harcourt, Brace. 1955.

ALFREDO GUILLERMO MARTIN

Psicólogo, analista institucional e professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Pós-doutor em Ciências da Educação - Université de Paris VIII, França. Pesquisador do grupo de pesquisa ARTTECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosófica – FURG/CNPq.

CLÁUDIO TAROUCO DE AZEVEDO

Professor dos Cursos de Artes Visuais do Instituto de Letras e Artes – ILA/FURG. Pós-doutor em Artes Visuais, coordenador do grupo de pesquisa ARTTECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosófica – FURG/CNPq e vice-líder do PhotoGraphein: Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação – UFPel/CNPq